



Uma perspectiva transformadora no ensino de português para estrangeiros

Gisele dos Santos da Silva¹

UTFPR

Miriam Sester Retorta²

UTFPR

Resumo: *Este artigo relata uma experiência vivida por duas estudantes de Letras, em pré-serviço, em um projeto de extensão de ensino de língua portuguesa como língua estrangeira para a comunidade estrangeira da Universidade Tecnológica Federal do Paraná no ano de 2010 e primeiro semestre de 2011. A UTFPR recebe anualmente uma média de 20 alunos vindos geralmente de países europeus e latino americanos. Esses alunos são estudantes de graduação ou pós-graduação e necessitam aprender a língua portuguesa para poderem desempenhar tarefas acadêmicas e sociais. O objetivo inicial do curso era criar um material didático que atendesse às necessidades dos alunos. Esse objetivo foi alcançado, mas encontramos outro desafio ao ensinar português para estrangeiros, o qual foi fazê-los aceitar e respeitar as diferenças existentes entre diferentes culturas. Em outras palavras, o papel principal do curso foi proporcionar um espaço para que esses estrangeiros, a maioria com atitudes iniciais xenófobas, aceitassem, compreendessem e respeitassem a cultura brasileira. Portanto, neste trabalho, uma questão em especial será discutida: a xenofobia em relação à cultura brasileira presenciada em sala de aula e como trabalhá-la no ensino de português para estrangeiros em uma perspectiva de letramento crítico.*

Palavras-chave: Português como língua estrangeira, cultura, abordagem acionista-transformadora, letramento crítico.

Abstract: *This article reports an experience of two undergraduate students in pre-service who will be English and Portuguese Teachers, in a project of the teaching of Portuguese as a Foreign Language to the foreign community of the Federal University of Technology - Paraná in 2010 and in the first semester of 2011. The UTFPR annually accepts an average of 20 students usually coming from Europe and Latin America. These are undergraduate or graduate students and need to learn the Portuguese language to be able to perform academic tasks and social interactions. The primary goal of this course was to create a didactic material according to the students' needs. This goal was achieved, but we had another challenge in the teaching of Portuguese to foreigners - which was to make them aware of the differences between cultures and respect them. In other words, the main role of this course was to provide a space for these foreigners, mostly with initial xenophobic attitudes, to reflect about the Brazilian culture and thus to reflect understand and respect it. Therefore, in this paper, a particular issue will be discussed: the xenophobia in relation to Brazilian Culture witnessed in the classroom and how to work with it in a Portuguese as a Foreign Language teaching within a Critical Literacy perspective.*

Keywords: Portuguese as a foreign language, culture, action-oriented approach, Critical Literacy.

¹ gisele2604@hotmail.com

² msester@utfpr.edu.br



1. Introdução

Comumente, ao se deparar com “o outro”, com “o diferente”, a maior parte das pessoas demonstram estranhamento e aversão àquilo que pouco sabem ou não conhecem. Essa atitude de rejeição ao estranho está presente em todas as partes do mundo, independentemente de etnia, idade, posição social, sexo ou religião. Quando o diferente se trata de outro povo e sua cultura, a situação pode gerar conflito e indisposição.

Partindo da proposição anterior, neste trabalho analisaremos a visão dos alunos estrangeiros do curso de Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR - sobre a cultura e a nação brasileira, antes e após o contato com a língua portuguesa e com o seu contexto social de uso. Em geral, no início de cada semestre do curso de PFOL, alguns alunos apresentam certa aversão não só à língua e à cultura brasileira, como também à língua e à cultura de outros países com os quais já tenham tido contato. Paralelamente a esse fato, os alunos também chegam ao país com uma visão de cidadão brasileiro ligada ao estereótipo difundido mundo a fora. Ao entrarem em contato com as pessoas e os costumes de nosso país, os alunos se deparam com o “diferente” que, por sua vez, se afasta do estereótipo conhecido, ocasionando situações de cotejo cultural e xenofobia, situações essas que são percebidas em sala de aula.

Sendo assim, quando atitudes de aversão dos alunos são percebidas, o professor precisa adaptar seu trabalho para o preparo dos aprendizes para o confronto com todo e qualquer tipo de diferença que possa encontrar no convívio social. Uma maneira de alcançar esse objetivo pode estar calcada no letramento crítico. Segundo Souza (2011), partindo do conceito de letramento crítico, o conflito gerado pela aproximação e justaposição de culturas e povos diferentes no mundo globalizado em que vivemos poderia ser solucionado “se todas as partes envolvidas nos conflitos tentassem ler criticamente suas posturas, procurando compreender suas próprias posições e as de seus adversários (...)” (p. 128).

Portanto, após a constatação de atitudes de aversão a outras culturas no curso de PFOL da UTFPR, após conhecer as crenças dos alunos sobre o Brasil antes de chegar ao país e os conflitos enfrentados ao entrar em contato com a nova cultura e após um processo de conhecimento das percepções dos alunos em relação ao estrangeiro, com base no conceito de letramento crítico, será apresentada uma possível prática de ensino de português como língua estrangeira, visando à alteração do ponto de vista dos alunos em relação às diferenças do



Outro. E, ao final será apontado se as atitudes que no início eram sinais de repulsa se transformaram em atitudes de empatia com relação ao Brasil e sua cultura.

Nossa proposta aqui é não apenas relatar a experiência vivida pelas alunas, como também apontar uma nova visão acionista-transformadora no caminho para o ensino de português brasileiro como língua estrangeira, focando na questão da xenofobia em sala de aula.

2. O curso de Português para Falantes de Outras Línguas da UTFPR – trajetória e experiência

O curso de português para estrangeiros já existe a alguns anos na UTFPR, mas somente em 2009 ele se tornou um projeto, integrando professores do DALEM³ e alunos do Curso de Licenciatura em Letras. No primeiro semestre em que eu comecei a lecionar foi tudo improvisado, pois não tínhamos um material piloto, a professora estava assumindo a turma também naquele momento, ou seja, era realmente o início de um projeto. O primeiro contato com os alunos - estes geralmente alunos em intercâmbio na universidade, vindos de países europeus e latino-americanos – é algo crucial para definir o foco a ser trabalhado durante o semestre e, conseqüentemente, contribuir com o conteúdo do material didático criado por nós. Apesar de nosso curso trabalhar com as diferentes habilidades, levamos em consideração o propósito que cada aluno tem ao aprender a língua portuguesa. Para exemplificar, no segundo semestre de 2010, em nossa classe havia alunos franceses e alemães que queriam aprender o português para facilitar a comunicação e conhecer a cultura brasileira, visto que além de estudarem em nosso país, quase todos viajavam por todo o Brasil para conhecer a heterogeneidade de nossa nação; e tínhamos também alunos hispano falantes que queriam entender a fonética do português, além do uso adequado das estruturas linguísticas na escrita. É a partir desses interesses que preparamos nossas aulas e nosso material, voltando-nos para a necessidade da turma.

No entanto, ainda segundo os interesses dos alunos, nos deparamos com algumas dúvidas, ou poderíamos dizer questionamentos, em relação a como ensinar o PB como língua estrangeira, uma vez que, diferentemente do ensino de português como língua materna que

³ Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.



tem alguns documentos como orientação - os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Orientações Curriculares Nacionais - não existem documentos e orientações específicas para o ensino de PLE. Para que uma prática que atendesse as necessidades de cada grupo fosse desenvolvida durante as aulas, tomamos como referência os diferentes métodos de ensino que aprendemos nas disciplinas “Prática de ensino de língua inglesa” e “Prática de ensino de língua portuguesa”, do curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês, utilizando as informações que fossem eficazes para cada conteúdo trabalhado. Após essa experiência, chegamos a algumas respostas para nossos questionamentos: assim como no ensino de qualquer língua estrangeira, para o PLE também não há uma fórmula pronta de como ensiná-lo; ao contrário, a cada aula o professor deve repensar sua prática, criar novas expectativas e estratégias, e estar pronto para um novo desafio.

Em meio a tantas dúvidas, um novo fator se destacou durante as aulas, fazendo-nos parar e refletir sobre o ensino de PLE: as demonstrações de atitudes de aversão em relação a nós, professoras e brasileiras, e em relação aos demais colegas de outras nacionalidades por parte de alguns alunos. Após uma série de ações advindas destes, como piadinhas em língua materna que só eles entendiam, risinhos seguidos de feição de deboche, além de declarações negativas a respeito dos brasileiros, percebemos que teríamos que trabalhar com o aluno o desenvolvimento da auto-percepção como indivíduo que faz parte de um grupo e a compreensão do Outro, enquanto um sujeito inserido em uma cultura diferente, mas nem por isso menos importante, ou seja, seria preciso desenvolver um pensamento crítico a respeito da diferença cultural de cada um, sob um ponto de vista de igualdade entre povos e não de superioridade. Para que isso fosse possível, usamos o conceito de letramento crítico como embasamento para nossa pesquisa-ação.

3. Constatação de atitudes xenófobas em sala de aula

Rajagopalan (2002), ao buscar a etimologia da palavra xenofobia que vem de *xenos*, em grego clássico, podendo ser entendida como “estranho” ou “estrangeiro”, considera o termo na relação com o “Outro”, “pois o que isso nos leva a perceber é que a ideia do Outro faz parte constitutiva da maneira como conceituamos tanto a língua como a pátria.” (p. 01). Partindo desse juízo juntamente com o pensamento do Outro como um estranho e, conseqüentemente, como uma ameaça, pode-se afirmar que atitudes de rejeição como as já



mencionadas nesse artigo são forte indícios da aversão à cultura local do contexto momentâneo em que os alunos do curso de PFOL estão inseridos, ou seja, a demonstração de desprestígio a cultura brasileira, a qual rege a língua alvo do curso.

Além de piadas em momentos não propícios e expressões faciais de enojamento, o discurso dos alunos também revela vestígios da não aceitação da cultura alheia. Para exemplificar, na turma do segundo período de 2010 do curso de PFOL, ao tentar explicar um vocábulo que um aluno francês não havia entendido, recorri à língua inglesa, já que esta era uma segunda língua em comum para todos da turma. No entanto, minha tentativa foi infeliz porque ao perguntar se o aluno havia entendido a palavra em inglês, ele respondeu que sim, que havia compreendido, porém, como se eu o tivesse ofendido, me pediu para não usar o inglês durante as aulas, por mais que ele não entendesse a explicação em português. No momento dessa declaração, eu enquanto professora também me senti ofendida e, ao mesmo tempo, surpresa, mas após refletir e após conhecer um pouco mais sobre a cultura daquele aluno e dos demais alunos franceses, percebi que tal intolerância com o inglês vem de uma aversão construída sócio-histórico-ideologicamente, já que os franceses não aceitam a língua inglesa como língua de maior poder internacional. Foi também só após essa constatação que eu pude entender por que nas turmas anteriores em que eu havia trabalhado alunos de nacionalidade francesa tinham certa dificuldade em interagir com alunos americanos.

Devido a essa experiência, começamos a pensar o ensino de PLE sob uma nova perspectiva que, além de ensinar quais são os elementos constitutivos de nossa cultura, também é preciso fazer com que o aluno perceba que não estamos impondo nossas crenças e costumes a ele, mas sim fazer com que o conhecimento adquirido durante as aulas de PFOL faça sentido para cada aluno conforme ele se perceba como indivíduo no contexto sócio-histórico no qual se encontra.

No entanto, para que o aprendizado nessa nova perspectiva fosse eficaz, outra questão precisava (e precisa) ser trabalhada durante as aulas - a questão do estereótipo que o aluno trazia e/ou criava em relação ao brasileiro. Como sabemos, o Brasil é visto lá fora como o país do futebol, do samba, do carnaval, de mulheres bonitas e de fácil disponibilidade, além de ser um país violento. Entre os alunos do curso de PFOL, a visão de Brasil não era diferente. Mesmo assim, eu me pergunto: será que nosso país, tão grande em extensão e diversidade, pode ser resumido em somente estes cinco protótipos? Eu acredito que não. Penso ainda que, em um curso de PLE, é preciso apresentar novas informações aos alunos - e as mais variadas



possíveis - em relação ao país em que se encontram, possibilitando-lhes uma nova percepção do povo brasileiro enquanto eles como cidadãos e estudantes, se situam como sujeitos inseridos no contexto sócio-histórico de uma nação estrangeira.

4. O trabalho com estereótipos brasileiros no ensino de PLE

No início de cada semestre do curso de PFOL da UTFPR, costuma-se fazer uma dinâmica para conhecer um pouco mais sobre os alunos e o que eles pensam e conhecem sobre o nosso país. Assim, após apresentar um pouco de quem nós somos em forma de uma conversa ou partindo da leitura de um texto ou do trabalho com uma música, chegamos a um momento em que os alunos devem expressar suas opiniões sobre nós, brasileiros. E é nesse instante que a imagem do indivíduo brasileiro adentra a sala de aula sob o discurso estereotipado de que “a mulher brasileira é muito bonita, anda pelas ruas de biquíni e é ‘oferecida’”⁴, em relação à figura feminina, ou ainda discursos de que o Brasil é um país que não leva a sério leis e regras, onde para tudo se dá um jeito – o famoso jeitinho brasileiro - e onde as pessoas fazem festa durante o ano todo. Será que a identidade cultural brasileira gira em torno da imagem de um povo festeiro, do carnaval, da violência e da mulher seminua ou como objeto sexual?

De acordo com KRAMSCH (1998),

Nossa percepção da identidade social de uma pessoa é, em grande parte, determinada culturalmente. O que percebemos sobre a cultura e a língua de uma pessoa é aquilo que a nossa própria cultura nos tem condicionado a enxergar e os modelos de estereótipos já construídos a nossa volta.⁵ (p. 67)

Dessa maneira, percebe-se que essa visão, diríamos “negativa”, do brasileiro é reflexo de uma crença construída sócio-históricamente pelos demais países, mas que, no entanto, não é suficiente para retratar significativamente a identidade nacional de um país tão vasto e heterogêneo como o Brasil. É também devido a essa heterogeneidade e diversidade brasileira

⁴ Entende-se aqui “oferecida” no sentido de aquela que se dá facilmente como parceira sexual.

⁵ Tradução sugerida pela autora deste artigo. No texto original temos “Our perception of someone’s social identity is very much culturally determined. What we perceive about a person’s culture and language is what we have been conditioned by our own culture to see, and the stereotypical models already built around our own.”



que se torna difícil pensar de imediato em uma identidade nacional mais homogênea e estática, o que pode provocar no aluno estrangeiro a percepção estereotipada equivocada de nossos costumes e crenças, podendo, ainda, gerar certo caos para o aluno ao entrar em contato com nossa diversidade cultural.

No momento em que os estudantes estrangeiros expressam suas percepções por meio de estereótipos, buscamos mostrar a eles que a cultura brasileira é mais ampla e envolve outros elementos em sua constituição. Também é preciso fazer com que os estudantes reflitam sobre seus pensamentos em relação ao Outro, ao diferente. Para isso, muitas vezes partimos da comparação com a cultura de cada um do grupo para atingir essa reflexão. Assim como eles apresentam o estereótipo do brasileiro, também apresentamos o estereótipo que conhecemos aqui sobre a cultura nacional de cada um dos alunos, ou seja, por exemplo, se o aluno é francês, iremos descrever os franceses sob a imagem estereotipada que conhecemos aqui no Brasil, para que o aluno argumente que a cultura francesa envolve mais aspectos do que aqueles que os brasileiros conhecem. Assim, nós contra-argumentamos com o grupo de que nossa cultura também não se resume apenas às percepções pré-estabelecidas que eles têm conhecimento em seus países. Ou seja, por meio da percepção da própria cultura, o aluno é conduzido a compreender a cultura do Outro, desenvolvendo um pensamento crítico a respeito das novas informações que ele recebe a todo o momento enquanto aluno de PLE e durante o período em que está inserido numa cultura diferente.

Sendo assim, nesse trabalho de compreender a si mesmo para compreender o outro aos poucos o aluno vai percebendo o caráter multicultural e multiracial do Brasil e acaba permitindo que seu leque de representações para a cultura da língua-alvo se amplie, pois como afirma BOSI (1999) em relação à nossa cultura

Ocorre, porém, que não existe *uma* cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos. Ao contrário: a admissão do seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um “efeito de sentido”, resultando de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço (p. 07).

5. A xenofobia na sala de PLE e o desenvolvimento do pensamento crítico

A xenofobia se manifesta na sala de aula de PLE por meio de atitudes e de discursos carregados de resquícios ideológicos construídos social, cultural e historicamente no contexto



de origem de cada estudante. Muitas vezes, inconscientemente (ou não), o aluno traz em seu discurso a visão (ou melhor, interpretação) admitida por sua nação em relação à cultura alheia e não percebe que seu discurso assume valores diferentes em cada contexto, isto é, a interpretação que o aluno faz do brasileiro pode ser algo irrelevante em seu país, mas essa mesma interpretação pode ser assumida como uma proposição ofensiva para nós brasileiros. Nesse sentido, de acordo com Leite (1983), “A xenofobia, ao contrário do que ocorre com a xenofilia, pode canalizar sentimentos de hostilidade contra o grupo estranho e, ao fazê-lo, provocar a acentuação do preconceito e o aparecimento de conflitos mais ou menos violentos.” (p. 06).

Posto isso, se considerarmos que a palavra não é um signo neutro e, ao contrário, traz em si a ideologia de uma sociedade, podemos considerar o discurso dos alunos estrangeiros revelador desse estereótipo brasileiro difundido mundo a fora e, a partir dessa constatação, o que se espera no curso de PFOL é desenvolver uma prática capaz de levar o aluno a desenvolver uma nova interpretação da cultura brasileira dentro desse novo *horizonte social*⁶, uma vez que o conhecimento é construído na relação entre indivíduos num determinado meio social que, neste caso, o meio social em que os alunos se encontram é o ambiente escolar num país estrangeiro.

Sendo assim, é de acordo com essa experiência e com a interação em um novo contexto social que aluno irá criar uma nova representação da cultura brasileira, desenvolvendo um sentimento de empatia para com a sociedade que o acolhe. Para que essa meta seja alcançada no curso de PFOL, tomamos como base a concepção de letramento crítico. Na concepção de letramento crítico defendida por JORDÃO (2007)

existe o entendimento de que os sujeitos constroem suas idealizações e representações (narrativas e metanarrativas) socialmente, conforme sua interação com diferentes comunidades interpretativas; estas narrativas que não devem ser *impostas* aos outros, nem a eles apresentadas como se fossem visões essencialmente melhores ou piores, mais próximas ou mais distantes de uma suposta verdade. Tais julgamentos de valor são percebidos como *atribuídos* social e culturalmente a essas narrativas, e como tal serão considerados e questionados. (p. 29).

Tendo em vista essa concepção de letramento, o que temos trabalhado nas aulas do curso de PFOL é a interação com o contexto cultural brasileiro para que o aluno possa

⁶ Conceito retirado de BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*.



construir sua representação do Brasil enquanto sujeito participante dessa sociedade. Para isso, procuramos fazer com que os estrangeiros tenham contato com as mais diversas formas de manifestações culturais não só da cidade de Curitiba como também das mais variadas regiões do país. Esse contato é feito através do trabalho com filmes nacionais, passeios culturais, mostras de teatro, trabalho com a música, com a culinária brasileira, ou até mesmo a leitura de textos de diversos gêneros que trazem características que compõem a diversidade cultural de nosso país. Juntamente com esse leque de atividades de cunho cultural, realiza-se um trabalho com o ensino da língua em seu contexto de uso, não ficando o aprendizado de PLE preso a apenas simulações em sala de aula.

Vale ressaltar que, com base no letramento crítico, durante a prática de ensino voltada à questão cultural, não mostramos aos alunos somente aquilo que, do nosso ponto de vista, consideramos “positivo” na cultura brasileira. Ao contrário, nada é rechaçado, levando o estrangeiro a conhecer tanto o que há de melhor e significativo quanto o que há de negativo e ínfimo em nossa cultura, para que este possa criar seu próprio juízo de valor a respeito do que ele acredita ser positivo ou negativo neste contexto.

Para ficar mais claro como desenvolvemos uma prática de ensino envolvendo a cultura nas aulas de PLE calcada na concepção de letramento crítico, citemos dois exemplos. O primeiro exemplo é de um trabalho com um grupo de estrangeiros do curso de PFOL composto por alunos franceses, peruanos e americanos. A proposta era trabalhar com a culinária e, primeiramente, apresentamos alguns exemplos de pratos típicos da culinária brasileira e suas respectivas receitas, além de levarmos para sala de aula um desses pratos para eles experimentarem. Antes dos estudantes provarem o prato típico, trabalhamos o porquê da importância desse prato para a região de onde ele é típico, como foi inventado e em qual época é mais consumido. Então, em cada aula um aluno deveria levar um prato típico de seu país para compartilhar com seus colegas. Mas o trabalho não consistia em apenas saborear as comidas típicas – os alunos também teriam que explicar a importância daquela receita para seu povo, como ela foi criada, se havia um ritual para consumo da comida ou uma época específica em que era consumida, assim como nós havíamos trabalhado na primeira aula sobre esse tema. Dessa maneira, apresentamos um pouco de nossa cultura e os alunos nos mostravam um pouco sobre a cultura deles também, passando a ser uma aula de troca cultural, no intuito de levá-los a perceber que em momento algum estávamos impondo que só a cultura nacional brasileira é importante, ao contrário, a ideia era mostrar que a tradição de



todos daquele grupo tinha seu valor e que, apesar de eles estarem no Brasil, a cultura deles se encontrava num mesmo patamar que a nossa.

O segundo exemplo consiste em uma sequência didática em que trabalhamos um pouco do folclore brasileiro, mostramos exemplos de crenças, superstições e simpatias e, ao final dessa sequência, trabalhamos com as orações de Santo Antônio e levamos os alunos à festa do Dia de Santo Antonio de uma igreja de Curitiba. A ideia desse trabalho foi não ficar só na exposição de informações dentro da sala de aula, mas fazer com que os alunos vivenciassem aquele momento cultural de nosso povo e que, a partir dessa experiência, criassem suas próprias significações para esse ritual enquanto sujeito em interação com o contexto social brasileiro.

Esse último exemplo merece destaque porque foi durante esse trabalho com a ida à festa de Santo Antonio que um aluno, que no início do curso de PFOL havia dito que acreditava que a mulher brasileira sempre se vestia seminua, fez o seguinte comentário: “É, realmente as mulheres brasileiras *não* andam só de biquíni pelas ruas! Veja como elas estão muito bem vestidas!”. Ou seja, com este comentário constatamos que o caminho adotado em nossa prática de ensino estava surtindo resultados esperados, pois a partir da interação sócio-cultural, esse aluno pode criar uma nova representação para a figura da mulher brasileira de acordo com sua experiência numa situação real, deixando de lado aquele estereótipo um tanto quanto negativo da figura feminina, pré-concebido anterior à sua vinda ao Brasil.

6. Conclusão

Sabemos que a relação com o novo, o diferente na maioria dos casos pode causar estranheza. Estranheza esta muitas vezes resultante do medo do desconhecido que, geralmente, transformar-se-á em sentimentos de hostilidade e de rejeição. Uma sala de aula em que pessoas de diferentes nacionalidades se reúnem se torna um ambiente propício para que esses sentimentos de repulsa se manifestem, gerando, em alguns casos, situações de desconforto e de afronta, e, conseqüentemente, indo de encontro aos propósitos escolares de proporcionar ao aluno um ambiente de troca, de interação, de trabalho em grupo, de desenvolvimento crítico, moral, ético e de construção de identidade. Exemplo disso pode ser encontrado nas aulas iniciais do curso de PFOL da UTFPR em que estrangeiros de diversos



países demonstram certa dificuldade em se relacionar com pessoas de outras nacionalidades, por estarem fora de seu grupo-padrão.

Antes de trabalhar qualquer questão linguística num curso de PFOL, é preciso dar atenção especial às questões de identidade cultural e de compreensão do diferente, pois só assim uma prática de ensino eficiente de PLE poderá ser desenvolvida, uma vez que estamos falando de um trabalho em grupo e não do ensino individual de uma segunda língua. Assim, para que um ambiente agradável e harmonioso possa existir, deve-se, primeiro, deixar as atitudes xenófobas de lado e fazer com que o aluno se perceba como parte de um todo e que a representação desse todo é construída social e historicamente pelos indivíduos que dele participa. Para que isso aconteça, o professor deve mediar essa relação entre o preestabelecido e o desconhecido, levando o aluno a engendrar uma visão crítica daquilo com que ele interage e passa a conhecer enquanto sujeito participante de um contexto sócio-cultural diferente.

Em outras palavras, como vimos na experiência aqui relatada, baseando-se na concepção de letramento crítico, uma prática pautada no trabalho com a diversidade cultural e com as diferentes percepções de um povo e de todos os elementos constituintes deste num espaço de interação com o contexto sócio-histórico-ideológico pode ser uma das maneiras mais adequada para se combater uma visão estereotipada de uma nação e evitar o cotejo entre povos de culturas diferentes, possibilitando, assim, uma perspectiva transformadora no ensino/aprendizado de PLE.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail (Volochnikov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 7ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.
- BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira**. 4ª edição. São Paulo: Ática, 1999.
- JORDÃO, Clarissa Menezes. *O que todos sabem...ou não: letramento crítico e questionamento conceitual*. In: **Revista Crop**. (pp. 21-46), 2007. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/ingl%EAs/crop> (acesso em junho de 2011).
- KRAMSCH, Claire. **Language and Culture**. OUP, 1998.
- LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. 4ª edição. São Paulo: Pioneira, 1983.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Linguagem e xenofobia*. In: **Revista Estudos Linguísticos**. Vol. XXXI, 2002 [CD ROM] – Sessão Mesa Redonda. Disponível em:



<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/31/htm/amesa.htm> (acesso em agosto de 2011).

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. *Para uma redefinição de Letramento Crítico: conflito e produção de significação*. In: MACIEL, R.F & ARAÚJO, V.A. (orgs). **Formação de Professores de Línguas**: ampliando perspectivas. Paco Editorial, 2011 (pp.128-140).